

1 Denise Paula Veras Aquino¹

2 ¹ Universidade Federal do Piauí - UFPI

3 Received: 12 December 2012 Accepted: 31 December 2012 Published: 15 January 2013

4

5 **Abstract**

6 Antígona é uma obra cuja análise e discussão foi amplamente difundida. Entretanto trata-se
7 de uma tragédia cujo conteúdo é profícuo e até esgotá-lo é um longo caminho. Sem
8 negligenciar as várias pesquisas, ainda que nos mais diversos campos, no que concerne à
9 Antígona, intenta-se repensar a posição dessa personagem em relação a seu tempo. Avaliar a
10 força motriz que impulsionou seus atos e a fez tomar atitudes drásticas e, nesse contexto,
11 localizá-la enquanto heroína ou vítima. Este trabalho objetiva fazer uma análise da tragédia
12 grega Antígona, de Sófocles, sob a ótica da Psicanálise de Lacan para buscar compreender em
13 que categoria a personagem se enquadra. Para tanto lançou-se mão de uma pesquisa
14 bibliográfica cujos autores privilegiaram, de alguma maneira, a obra analisada. A
15 fundamentação teórica versa em autores como Miriam Chnaiderman, Rachel Gazolla, Jacques
16 Lacan, Evair Aparecida Marques, Kathrin H. Rosenfield, Sófocles e Adalberto de Oliveira
17 Souza. Fez-se uso de referenciais teóricos fundamentados em teorias psicanalíticas. O que foi
18 possível observar em Antígona é uma consciente transgressão dos limites humanos. O Desejo
19 de enterrar seu irmão Polinices representa o bem maior, o que é correto a fazer, a certeza de
20 uma morte que não será em vão. Ela, então, age movida por esse desejo cujo objetivo primeiro
21 é fazer o bem pela família, em nome do Oikos, a lei divina.

22

23 **Index terms**— antígona, lacan, desejo, psicanálise ???" literatura.
24 ANTIGONE: Victim of Desire or Heroine of her Time ?

25 Denise De Paula Veras Aquino

26 Resumo-Antígona é uma obra cuja análise e discussão foi amplamente difundida. Entretanto trata-se de uma
27 tragédia cujo conteúdo é profícuo e até esgotá-lo é um longo caminho. Sem negligenciar as várias pesquisas, ainda
28 que nos mais diversos campos, no que concerne à Antígona, intenta-se repensar a posição dessa personagem em
29 relação a seu tempo. Avaliar a força motriz que impulsionou seus atos e a fez tomar atitudes drásticas e, nesse
30 contexto, localizá-la enquanto heroína ou vítima. Este trabalho objetiva fazer uma análise da tragédia grega
31 Antígona, ???

32 **1 I.**

33 Introdução ntígona é, seguramente, uma obra cuja análise e discussão já foi amplamente difundida. Entretanto
34 trata-se de uma tragédia cujo conteúdo é tão profícuo que esgotá-lo torna-se tarefa hercúlea. Mesmo após mais
35 de dois mil anos as tragédias de Sófocles continuam a ser atuais, Antígona não é diferente.

36 Sem negligenciar as várias pesquisas, ainda que nos mais diversos campos, no que concerne à Antígona, intenta-
37 se repensar a posição dessa personagem em relação a seu tempo. Avaliar a força motriz que impulsionou seus
38 atos e a fez tomar atitudes drásticas e, nesse contexto, localizá-la enquanto heroína ou vítima.

39 Para tanto a interlocução entre literatura e psicanálise se faz essencial, tendo em vista que a análise levantada
40 tem como base o psicanalista francês Jacques Lacan.

41 A partir de suas teorias intenta-se traçar um perfil em que Antígona melhor se enquadrar, um perfil perceptível
42 na leitura da tragédia. É certo que a postura da protagonista é polêmica e provoca divergência de posicionamentos,
43 todavia a proposta de localizá-la numa das categorias propostas constitui-se num outro olhar sobre essa clássica
44 tragédia.

45 2 II.

46 3 Psicanálise & Literatura

47 Relacionar literatura e psicanálise é uma prática frequente tanto entre psicanalistas como entre literatos, visto
48 que ambos tem em comum a linguagem. A literatura surge como exercício de linguagem, a psicanálise como um
49 conjunto de conhecimentos que busca sua interpretação.

50 "A ferramenta mais importante da psicanálise é a linguagem, seu traço comum com a literatura. Além disso,
51 ambas tem como fundamento a subjetividade, até quando transmitem uma ocorrência de amplo valor social."
52 (SOUZA, 2005, p.206)

53 A relação entre esses campos do saber possibilitou apropriações de ambas as partes. Os literatos absorveram
54 a psicanálise e vice versa, como apontou Chnaiderman (1989, p.23):

55 Hoje, a literatura e a psicanálise se misturam: há vários textos escritos por não analistas onde conceitos
56 analíticos são utilizados para fazer crítica literária. Da mesma forma, várias coletâneas, escritas por analistas,
57 abordam questões literárias. Quando Lacan coloca em questão a psicanálise em suas bases ideológicas, no
58 momento em que ele estabelece uma clivagem entre o saber e a verdade, ele coloca o problema da questão dos
59 dois domínios de modo mais claro. Ficção, verdade ou saber? O problema fica mais claro, mas não a resolução
60 do problema.

61 Para pensar num viés psicanalítico a tragédia escolhida nesta pesquisa, a saber "Antígona" de Sófocles, será
62 abordada a perspectiva do psicanalista francês Jacques Lacan.

63 4 III.

64 5 A Tragédia Grega

65 A tragédia é um gênero literário de origem grega que se caracteriza pela seriedade dos temas tratados tendo
66 sempre como mote conteúdos cuja relação com a ética e a moral humana são profundas. Para os gregos a
67 comédia se constituía num gênero menor, por isso os temas considerados de maior importância eram explorados
68 na tragédia.

69 Palavras-chave: antígona, lacan, desejo, psicanáliseliteratura.

70 Na tragédia, toda situação que implica a ação desmedida de um personagem expressa a hamartia, a falha
71 ou o erro daquele que agiu de modo excessivo e gerou uma difícil situação.O erro tem um valor e uma vivência
72 comunitária expressos na figura do herói trágico, e os assistentes do teatro sabem quando uma ação se apresenta
73 com híbris,como excesso, podendo prever o peso do sacrifício que virá ao herói como expiação para a devida
74 purgação do comunitário. A tragédia, portanto, resgata o que há de fundamental a pensar nas relações humanas
75 em comum. ?? O assistente da peça precisa identificar-se com o que está sendo exposto para que a purificação
76 aconteça.

77 O purificatório trágico é sagrado, é educativo, ritualístico e cívico. Ao mesmo tempo, é pessoal, diz respeito
78 ao modo de sentir de cada um dos assistentes em consonância do comunitário. Ele purifica no sentido de que,
79 ao aproximar o homem da vivência de seus limites e deslimites, propicia-lhe a visão do sagrado interdito e do
80 profano objetivados no teatro. Presenteia o assistente com a possibilidade de expandir seus julgamentos, sua
81 capacidade de pensar sobre a pessoa e suas relações com as outras pessoas. (GAZOLLA, 2001, p.38-39) Nesse
82 sentido o teatro grego carrega consigo uma responsabilidade social, como apontou Rosenfield (2002, p. 9) ele não
83 é liturgia ou lazer, mas uma contemplação da política, sociabilidade e religião.

84 6 IV.

85 7 Antígona

86 Uma das maiores tragédias da humanidade, Antígona, de Sófocles, foi escrita por volta de 442 a.C. e faz parte
87 da trilogia do ciclo tebano. Depois de matar o próprio pai Édipo desposa a mãe, tendo com ela quatro filhos:
88 Eteócles, Polinices, Antígona e Ismênia. Antígona é ao mesmo tempo filha e irmã do próprio pai.

89 A história se inicia quando Eteócles e Polinices se matam numa disputa pelo trono de Tebas. Depois do
90 acontecimento sobe ao trono Creonte, tio dos filhos de Édipo, irmão de Jocasta.

91 Em seu primeiro édito ele decide que Eteócles deverá ser enterrado com todo ceremonial, pompas e glórias
92 devidas aos mortos e aos deuses, já a Polinices ele nega esse privilégio. É aí que começa o drama de Antígona.
93 Ela se recusa a deixar o corpo do irmão sem os ritos sagrados e decide enterrá-lo indo contra às leis humanas,
94 mas obedecendo às leis divinas. Isso nos leva a questionar a significação de Antígona e o que ela, ainda hoje,
95 representa.

96 Essa personagem foi, e continua sendo, apresentada como uma heroína. Aquela que transgride as leis da Pólis
97 em nome de leis não escritas, as Leis Divinas, que remetem aos costumes de sua gente e sua época, pelos quais,
98 segundo ela mesma, vale a pena morrer. Sua bravura ao lutar pelos valores familiares também lhe dão licença de
99 heroína. Sobre o valor dedicado à família, Antígona afirma: "Eu vou enterrar o nosso irmão. E me parece bela
100 a possibilidade de morrer por isso. [...] Devo respeitar mais os mortos do que os vivos, pois é com eles que vou
101 passar mais tempo." (SÃ?"FOCLES, 199, p.8. grifo do autor)

102 Para enterrar seu irmão Polinices e fazer valer seu direito divino ao sepulto Antígona ultrapassa as leis do Rei
103 Creonte:

104 A tua lei não é a lei dos deuses; apenas o capricho ocasional de um homem. Não acredito que a tua proclamação
105 tenha tal força que possa substituir as leis não escritas dos costumes e os estatutos infalíveis dos deuses. Porque
106 essas não são leis de hoje, nem de ontem, mas de todos os tempos: ninguém sabe quando apareceram. Não, eu
107 não iria arriscar o castigo dos deuses para satisfazer o orgulho de um pobre rei. (SÁ?"FOCLES, 1997, p. 22)
108 Para Lacan o Desejo é inconsciente, é diferente da Vontade, pois que essa se caracteriza exatamente pela sua
109 própria consciência enquanto àquela é um impulso inconsciente e, consequentemente irracional. Antígona apesar
110 de sucumbir ao seu Desejo mais íntimo e podendo, para alguns, torna-se vítima de si mesma, caminha ao status
111 de heroína pois coloca o bem social acima de si mesma.

112 Embora Antígona possa ser associada à posição de vítima, devido sua cessão ao Desejo, nos cumpre observar
113 que fala mais alto sua qualidade de heroína.

114 O caráter implacável de Antígona, a saber "sem temor nem piedade" enfatizam isso pois, segundo ??acan
115 (2008, p. 316) "Só os mártires são sem piedade se sem temor", nesse sentido Antígona lutou além dos limites por
116 sua crença, pelo que ela julgava correto a fazer.

117 Sem se importar com as consequências de seus atos Antígona ultrapassou todos os limites humanos, indo para
118 além da Até. Para Lacan (2008, p. 310) essa palavra "designa o limite que a vida humana não poderia transpor
119 por muito tempo". Quando transgrediu as leis de Creonte, assumiu como que com orgulho seu feito e não aceitou
120 a morte ditada por seu algoz, buscando o suicídio como último gesto de empáfia, Antígona extrapolou todos os
121 limites humanos e realizou o que buscava. Nesse sentido o desejo da filha de Édipo visava precisamente isto -para
122 além da Até. ??acan (2008, p. 327).

123 Segundo ??osenfield (2002, p. 18) não é preciso crer em deuses, apenas ver Antígona é suficiente para perceber
124 que há algo divino em certas atitudes e modos de ser e de agir. Isso que a autora chama de 'divino' é o que
125 impulsiona nossa personagem nessa luta travada, não apenas contra Creonte, mas contra toda uma sociedade,
126 tendo em vista que ela abandona seu papel social de mulher submissa e obediente para assumir uma postura
127 masculina, é mais que uma vontade de enterrar seu irmão, é um Desejo puro e incontrolável.

128 A postura de Ismena, seu choro, sua desorientação, indicam que ela abandonou as esperanças. Com esse
129 derrotismo contrasta o vigor quase viril de Antígona, que nada tem dos atributos de feminilidade convencional
130 de Ismena. Antígona já concebeu um plano para fazer face à situação difícil e não teme pensar, falar e agir como
131 os homens de sua linhagem -abandonando o espaço protegido das mulheres e crianças. (ROSENFIELD, 2002, p.
132 24, grifo nosso)

133 Deixando-se levar por esse desejo Antígona não perde seu posto de heroína. Ela não o controla e vai além dos
134 limites do fim para satisfazê-lo. Dessa maneira Antígona não se dobrou às leis de Creonte mas seguiu a crença
135 de seu povo, de sua época.

136 Em seu Seminário 7 Lacan (2008, p. 294) nos apresenta Antígona como a materialização do próprio Desejo.
137 Se possível fosse existir uma criatura humana que fosse apenas Desejo esse ser seria Antígona.

138 A personalidade forte e marcante de Antígona a diferenciam fortemente de sua irmã Ismênia que é como uma
139 vítima de seu tempo, apresentando-se, no início da tragédia, como uma mulher temerosa e fraca.

140 Antígona é totalmente diferente de sua irmã, Ismena. Esta representa o que é a mulher na polis clássica (um
141 ser frágil, suspeito, insignificante, cujo valor consiste em ser bonita e submissa), ao passo que Antígona tem a
142 presença de espírito, o faro e a truculência de seu pai.

143 Essa postura temerosa e fraca de Ismênia se dissipa no final da tragédia, quando da prisão de Antígona ela pede
144 à irmã que a deixe participar da responsabilidade do ato feito à Polinices, pedido que Antígona nega firmemente:
145 "Não queira repartir agora a culpa daquilo em que não teve coragem de botar as mãos. Vive você. Minha morte
146 me basta." (SÁ?"FOCLES, 1997, p. 27) Em momentos como é esse possível visualizar a carga que Antígona
147 carrega. O sacrifício em prol do todo, pelo bem comum, o bem maior é colocado em primeiro lugar.

148 V.

149 8 Conclusão

150 O que observamos em Antígona, então, é uma consciente transgressão dos limites humanos. O Desejo de enterrar
151 seu irmão Polinices representa o bem maior, o que é correto a fazer, a certeza de uma morte que não será em
152 vão. Ela, então, age movida por esse desejo cujo objetivo primeiro é fazer o bem pela família, em nome do Oikos,
153 a lei divina.

154 Nesse aspecto os sacrifícios feitos pela protagonista da tragédia parecem apontá-la pelos caminhos do ato
155 heróico. Segundo Lacan (2008, p. 294) Antígona é uma vítima terrivelmente voluntária. Aquela que escolhe seu
156 fim, aquela que decide morrer pelo que julga valer a pena.

157 O ato heróico se configura justamente pela sobreposição do bem maior em detrimento do bem individual. O
158 bem comum acima do bem de uma única pessoa. Assim, Antígona se configura a heroína dessa peça que, mesmo
159 depois de mais de dois mil anos, ainda reverbera ensinamentos morais e éticos. ¹

¹© 2013 Global Journals Inc. (US) © 2013 Global Journals Inc. (US)

[Note: Aparecida Marques, Kathrin H. Rosenfield, Sòfocles e Adalberto de Oliveira Souza. Fez-se uso de referenciais teóricos fundamentados em teorias psicanalíticas. O que foi possível observar em *Antígona* é uma consciente transgressão dos limites humanos. O Desejo de enterrar seu irmão Polinices representa o bem maior, o que é correto a fazer, a certeza de uma morte que não será em vão. Ela, então, age movida por esse desejo cujo objetivo primeiro é fazer o bem pela família, em nome do *Oikos*, a lei divina.]

Figure 1:

-
- 160 [Rosenfield] , Kathrin H Rosenfield .
- 161 [Sófocles E Antígona and Rio De ()] , Sófocles E Antígona , Janeiro Rio De . 2002. Jorge Zahar. 72.
- 162 [Lacan and Seminário (ed.) ()] , Jacques Lacan , Seminário . Antonio Quinet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar
163 (ed.) 2008. 7. Campo freudiano no Brasil (ética da psicanálise)
- 164 [Marques et al. ()] ‘Antígona: a pulsão de morte e o desejo puro de não ceder’. Evair Marques , ; Aparecida ,
165 Congresso , I I De Psicanálise . Fortaleza. Anais...Fortaleza: UFC 2003. 2003.
- 166 [Chnaiderman ()] *Ensaio de psicanálise e semiótica*. São Paulo: Escuta, Miriam Chnaiderman . 1989. 175.
- 167 [Gazolla ()] ‘Para não ler ingenuamente uma tragédia grega: ensaio sobre aspectos do trágico’. Rachel Gazolla .
168 *Leituras Filosóficas* 2001. Edições Loyola. 139 p. .
- 169 [Souza et al. ()] Adalberto Souza , De Oliveira , Crítica , ; Thomas , Lúcia Zolin , Osana . *Teoria Literária:*
170 *abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005. p. .
- 171 [Sófocles and Antígona ()] *Tradução de Millôr Fernandes*, Sófocles , Antígona . 1997. Rio de Janeiro: Coleção
172 Leitura. 56.